

Comunicação para a hegemonia popular e o comum em contexto de crise política na América Latina: um estudo sobre as redes globais de movimentos populares CLOC, Via Campesina e Alba Movimentos¹

Gabryella CÂMARA²

Pablo Nabarrete BASTOS³

Universidade Federal Fluminense, Niterói–RJ.

Resumo

Objetiva-se compreender como a Via Campesina, a Coordenação Latino-Americana de Organizações Rurais da Via Campesina (CLOC) e os Movimentos da Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA Movimentos) se articulam como aparelhos populares de hegemonia e atuam proporcionando engajamento com o comum, a partir da América Latina e em contexto de crise política. Analisamos como essas organizações populares utilizam plataformas digitais para organizar discursos, lutas e contribuir com a formação da opinião pública. Desenvolvemos pesquisa bibliográfica não sistemática e realizamos análise documental e pesquisa empírica exploratória em textos que sinalizam suas compreensões sobre o comum e as crises latino-americanas. Enfatizamos a agência histórica da construção do comum como ato político potencialmente emancipatório.

Palavras-chave: hegemonia; crise política; CLOC; Via Campesina; ALBA Movimentos.

Introdução

Desde 1864, ano da criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional), muitos esforços foram empreendidos para organizar internacionalmente a classe trabalhadora em contraposição à lógica global do capital, à hegemonia burguesa, para construir a hegemonia popular, a hegemonia da classe trabalhadora (Bastos; Miani; Engelmann, 2023). Mais de um século depois, protagonizados por povos camponeses e originários latino-americanos, redes de movimentos populares como a Via Campesina, a Coordenação Latino-Americana de Organizações Rurais da Via Campesina (CLOC) e aos Movimentos da Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA Movimentos) se aproximam

¹ Trabalho apresentado no IJ07 — Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior — XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 12º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda do IACS-UFF, e-mail: gabryella.ec@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UFF, professor permanente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Realizou pós-doutorado em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ. Pesquisador Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE-FAPERJ) (Período 2021–2024), e-mail: pablobastos@id.uff.br.

justamente na luta pela terra como meio de trabalho e vida, por soberania alimentar e pelo socialismo a partir, principalmente, da América Latina.

O desafio que permanece para a articulação das lutas sociais e políticas é a construção da unidade na diversidade. Em outros termos, trata-se de um processo de luta pelo comum, de mediação e engajamento com o comum (Bastos, 2022a). Para superar a situação de particularismo na teoria e na práxis de movimentos sociais contemporâneos, propomos a noção de engajamento com o comum, compreendendo o comum como princípio político (Dardot; Laval, 2017) e como núcleo epistêmico e ontológico do objeto comunicacional (Sodré, 2014). Enfatizamos nesse artigo a perspectiva da agência histórica sobre ou para o comum: a construção do comum como ato político potencialmente emancipatório (Bastos, 2024). De maneira geral, as articulações continentais e internacionais de movimentos populares CLOC, Via Campesina e ALBA Movimentos se aglutinam em torno de um comum político emancipatório e contra o bloco de poder organizado em aliança de classes que engloba o capital financeiro internacional, as transnacionais do agronegócio, os grandes fazendeiros e os conglomerados de mídia (2022b).

Quando Gramsci inicia a formulação do seu conceito de hegemonia, realiza articulação com outro conceito fundamental, o de aparelhos privados de hegemonia. Além disso, desde os primeiros escritos, a articulação teórica entre hegemonia e aparelhos de hegemonia é pensada em contexto histórico de crise política, de autoridade e de hegemonia. Borba (2020) argumenta que a temática das crises políticas na América Latina recebeu atenção renovada nos últimos anos devido às turbulências recentes que colocaram em debate os limites do presidencialismo e do próprio regime democrático.

Nesse contexto, recrudescem os esforços por monopólio da opinião pública. A comunicação popular e comunitária (Miani, 2010; 2011) engajada com um projeto de hegemonia popular possui flagrante importância, ainda que em plataformas digitais controladas por *big techs*. É objetivo deste artigo compreender como a CLOC, a Via Campesina e a ALBA Movimentos se articulam como aparelhos populares de hegemonia e atuam em suas lutas por meio de plataformas, proporcionando engajamento com o comum a partir da América Latina, em contexto de crise política. Metodologicamente, desenvolvemos pesquisa bibliográfica não sistemática e realizamos análise documental e

pesquisa empírica exploratória a partir de textos das três organizações que sinalizam suas compreensões acerca do comum e das crises políticas na América Latina.

O processo de significação entre a classe trabalhadora acerca do sentido de classe, o processo pedagógico que cola o signo ao referente, é a luta política, o agir em comum sob a perspectiva da hegemonia popular (Bastos, 2023). Nesse ínterim, justifica-se científica e socialmente o estudo de redes de organizações populares e movimentos sociais que lutam contra o neoliberalismo em busca de uma perspectiva do comum em contextos de crise política, como a CLOC, a Via Campesina e a ALBA Movimentos.

Engajamento com o Comum e a Hegemonia Popular

Desde investigação realizada em 2017 (Bastos; Silva, 2017), sobre a atuação das Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo no Facebook, permanecemos desenvolvendo pesquisas com o intuito de compreender as potencialidades e limitações políticas, tecnológicas e dialógicas da comunicação política mediada por infotelecomunicações⁴ (ITCs) (Moraes, 2000), com foco em plataformas digitais, mediante pesquisa empírica e reflexão teórica crítica (Bastos, 2020, 2022b, 2022c, 2023, 2024; Bastos; Câmara, 2022). Nossa pesquisa empírica e reflexão teórica nos levou a pesquisar com centralidade e aproximar em nossas análises dois conceitos: engajamento (Bastos, 2020) e hegemonia popular (Bastos, 2023), em articulação com as noções do comum (Dardot; Laval, 2017, Sodré, 2014, Bastos, 2024), possibilitando um olhar comunicacional sobre esses conceitos, sem perder de vista a materialidade dos processos de produ o, circula o e consumo da comunica o.

Em uma contemporaneidade onde as classes se enfrentam transversalmente, no sentido gramsciano de categorias de classe trabalhadora, há uma série de particularidades corporativas, além de media es culturais e políticas diversas, que, no limite, podem levar ao que denominamos “dialética da insularidade” (Bastos, 2023). Este conceito explica a tendência dos movimentos sociais e da comunica o popular, alternativa e comunitária que praticam se circunscrevem ao território semântico, cultural e político em que atuam, limitando a inteligibilidade recíproca com outras lutas e, conseqüentemente, o seu

⁴ Este conceito, cunhado por Dênis de Moraes (2000), reúne três setores convergentes (informática, telecomunica es e comunica o) para designar a reunião de poderes estratégicos em conglomerados multim dia, que acumulam patrim nios e lucros sem precedentes.

potencial contra-hegemônico, conforme proposição de Boaventura de Sousa Santos (2002). Compreendemos como engajamento o processo constituído na vinculação social, afetiva e gustativa do sujeito com determinada ideologia, que se configura como dimensão comunicacional e sensível atuante no engendramento da hegemonia (Bastos, 2020). Para a superação da “dialética da insularidade”, a noção de engajamento com o comum (Bastos, 2024) pavimenta e sinaliza o caminho epistemológico e político, que pode viabilizar a comunicação entre diferentes formas de luta com potencial contra-hegemônico na disputa contra a hegemonia do capital, contra o “comum capitalista” (Harvey, 2011a; Dardot; Laval, 2017).

As reflexões sobre hegemonia, contra-hegemonia e hegemonia popular são centrais em nossas pesquisas. Temos buscado compreender os movimentos sociais e suas redes de articulação como aparelhos de hegemonia. Propomos, portanto, encontrar o comum na luta pela hegemonia popular. As referências ao “aparelho hegemônico” aparecem desde as primeiras notas em que Gramsci fala de hegemonia. Quando começa a elaborar seu novo conceito de hegemonia, com relação ao usado no período pré-carcerário, ainda no Quaderno 1, em passagem sobre a história política francesa, é feita menção ao difícil exercício da hegemonia em período de crise pós-guerra, com a “quebra” do aparelho hegemônico. Dessa maneira, o conceito aparece como fundamental para o exercício da hegemonia e sua desagregação leva à crise desta. Os conceitos de hegemonia e de crise são aspectos diretamente relacionados em Gramsci. A crise ocasiona instabilidade nos aparelhos e, conseqüentemente, na capacidade da classe dominante de dirigir as demais classes e justificar a sua hegemonia. Torna-se então relevante a contextualização deste artigo em meio às recentes crises políticas da América Latina (Bastos, 2023).

Metodologia

No período de Gramsci, o autor destaca os jornais, os partidos e o parlamento como principais órgãos da opinião pública. Atualizando o argumento, todo o ecossistema midiático, incluindo as plataformas digitais controladas por *big techs*, possui forte influência na formação da opinião pública (Bastos; Miani; Engelmann, 2023). A partir da análise documental e da pesquisa empírica exploratória, tivemos em vista analisar como essas organizações populares utilizam suas plataformas digitais para organizar seus

discursos, suas lutas e contribuir com a formação da opinião pública em contexto de crise política na América Latina. Investigamos o uso do Instagram, do Facebook, do YouTube e de websites. Com a pesquisa bibliográfica não sistemática, desenvolvemos maior entendimento dos conceitos de engajamento e de hegemonia, além de compreender como se relacionam entre si, com a noção do comum como dimensão comunicacional e com a noção de crise gramsciana.

Organização dos Discursos e das Lutas

Essas organizações populares utilizam suas plataformas digitais para a organização de seus discursos e de suas lutas enquanto as utilizam como facilitadoras da voz popular e da formação política da esfera pública, como ferramentas de mobilização do coletivo e em acordo com as formas representativas de sua comunidade.

Como facilitadoras da voz popular, faz-se notar a produção e distribuição de podcasts e boletins de notícias próprios⁵, alimentados pela voz coletiva de suas organizações membros, agregando informações provenientes dos movimentos de base e que não seriam compartilhadas através dos canais de mídia hegemônicos. Um exemplo do que estamos tratando aqui, em dezembro de 2022,⁶ no boletim de notícias intercontinental da Via Campesina, foi elaborada notificação do contexto político experienciado no Peru, após a derrubada do presidente Pedro Castillo, no dia 07 de dezembro de 2022. Nesta notificação, foram documentados a aderência das organizações de base da CLOC-Via Campesina em protestos contra o golpe de Estado, o aumento da repressão governamental, a perseguição aos seus líderes locais e o assassinato de mais de vinte protestantes. Não restrita a uma mera notificação de um parágrafo, a notícia é aprofundada no formato de entrevistas em podcast protagonizadas por camponeses e pessoas indígenas membros da Confederação Agrária Nacional e da Confederação dos Camponeses do Peru. Portanto, em momentos de crises, as plataformas digitais são utilizadas para comunicar as lutas coletivas ao coletivo, a partir de informações colhidas coletivamente.

⁵ Disponíveis em: <https://viacampesina.org/es/?tag=podcasts> e <https://cloc-viacampesina.net/nuestros-medios>. Acesso em: 16 jun. 2024.

⁶ Disponível em: <https://viacampesina.org/en/december-news-wrap-updates-from-la-via-campesina-members-worldwide/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

Frente a um objetivo em comum, como quando protestos por uma mesma causa são organizados para acontecer simultaneamente em múltiplas cidades, países ou continentes, as plataformas digitais se tornam ferramentas de mobilização popular ao serem utilizadas como meio de chamada para as manifestações de rua, como meio de divulgação de fotos e registros dessas manifestações e, também, com chamadas para a prática de tuitaços em apoio a essas manifestações.

Os discursos são construídos na soma de suas imagens, linguagem, idiomas, vozes e conteúdo, através da representatividade (participativa e dialógica, como compreendida por Sodré (2014)) do sujeito coletivo popular. Acontece em todos os perfis de plataformas digitais observados:   majoritária em seus feeds a presença do povo, dos diversos movimentos sociais que compõem as redes populares analisadas. O povo   representado em sua diversidade, no sentido literal (figura 1) e figurativo, em suas fotografias e ilustra es, que com frequência são produzidas coletivamente⁷. Na linguagem empregada, o sujeito de suas ora es   o sujeito coletivo. Nos perfis latino-americanos, o espanhol   o idioma utilizado. No entanto, nos perfis intercontinentais, o uso de três idiomas (inglês, francês e espanhol) garante que a comunica o alcance quem necessita, independente da nacionalidade.

Figura 1 – Captura de tela de trecho do feed do Instagram da Via Campesina.



Fonte: Via Campesina, 2024⁸.

A tradu o de alguns de seus documentos-base também   feita coletivamente. Na se o “como posso ajudar” da brochura de apresenta o da Via Campesina⁹, o primeiro item   um convite para aqueles que podem ajudar com interpreta o e tradu o. A voz do

⁷ Exemplo de convocatória para produ o imagética coletiva disponível em: https://www.instagram.com/p/C2-PyE-L2iI/?img_index=2. Acesso em: 14 jun. 2024.

⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/la_via_campesina_oficial/. Acesso em: 16 jun. 2024.

⁹ Disponível em: <https://viacampesina.org/es/wp-content/uploads/sites/3/2022/01/LVC-ES-Brochure-20211.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2024.

movimento é perpassada pelo povo a partir do momento em que o conteúdo é concebido, produzido e reproduzido a partir da coletividade. Reproduzido, por ser incentivado que as cartilhas informativas sejam empregadas no processo de formação realizado pelos leitores em seus coletivos¹⁰. Em uma dimensão sensível e comunicacional, suas publicações são representativas da unidade na diversidade. Nesta representatividade engajada encontra-se a materialização da luta pela hegemonia popular protagonizada pelos aparelhos populares de hegemonia (Bastos, 2022a, 2023).

Formação da Opinião Pública

A partir da análise dos documentos de base e cartilhas de apresentação dessas organizações, observamos destacar-se como uma de suas bandeiras de luta a formação e a conscientização política, ideológica e cultural de seus membros. Para atender a seus processos de formação política construiu-se, mediante ações solidárias, os Institutos Agroecológicos Latino-americanos (IALA) e outras escolas populares itinerantes (como a Escola Continental de Mulheres — que aborda a interseção entre o patriarcado e o capitalismo — e a Escola Continental de Comunicação — que atua na formação de comunicadores populares — iniciativas da CLOC-Via Campesina). Os centros de formação e atuação regional IALA estão localizados em Cuba, Nicarágua, Venezuela, Colômbia, Paraguai, Chile, Argentina e em dois estados do Brasil (Paraná e região amazônica). Esses espaços, utilizados corriqueiramente por movimentos membros tanto da ALBA Movimentos quanto da CLOC-Via Campesina, tornam-se pontos de encontro para “o conflito inerente à experiência do comum [...] neutralizado sistematicamente pelos dispositivos de mídia” (Sodré, 2014, p. 232). A ênfase está na viabilidade de espaços de encontro do 'eu' com o 'tu'-aquém da relação 'eu-coisa' plataformizada — já que, conforme o autor, “a categoria fundamental do ser é a relação” (Sodré, 2014, p. 234).

As plataformas digitais são empregadas como extensão e propagação desses processos de formação. Em um nível mais básico, a publicação de uma sequência de quatro livretos temáticos¹¹ em torno da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses e outras pessoas que trabalham nas zonas rurais (UNDROP), pela Via

¹⁰ “Convidamos à utilização deste módulo e dos anteriores como parte de seus processos de formação coletiva e individual” (tradução nossa). Trecho retirado de publicação em website. Disponível em: <https://viacampesina.org/es/modulo-de-formacion-n05-los-derechos-colectivos-de-lxs-campesinxs-en-la-gobernanza-mundial-de-las-semillas/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://viacampesina.org/es/undrop-lxs-campesinxs-como-sujetos-politicos-cartilla-tematica-n4-ya-disponible/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

Campesina, objetiva a propagação da educação popular sobre o potencial de emancipação da soberania alimentar como substituição da lógica do capital. Em contexto de crise, são construtores da opinião pública os seminários virtuais de formação (também referidos como webinários) e conversações no formato de lives em prol de informar com profundidade, explicar os desdobramentos e discutir sobre a conjuntura imediata. Alguns exemplos protagonizados pela ALBA Movimentos e pela CLOC-Via Campesina tratam da situação na Palestina, das intervenções estrangeiras no Haiti e das razões para a tomada das ruas pelo povo peruano¹².

Ampliando a noção de crise, também consta como temática dos webinários o fomento da discussão acerca das particularidades e universalidades da disputa pela hegemonia na América Latina. Entre os exemplos estão webinários sobre o projeto político de luta contra o imperialismo, sobre o pan-africanismo e libertação — que compreende as questões raciais, sobre a construção do socialismo no tempo presente partindo de uma perspectiva latino-americana e sobre os direitos universais dos camponeses e trabalhadores rurais¹³. Além disso, em seus websites, há sessões inteiras dedicadas a aglutinar as publicações voltadas para a formação política de seus leitores. Os esforços dedicados à extensão de seus processos de formação contribuem exponencialmente para a influência da esfera pública, utilizando as plataformas digitais como meio.

Considerações Finais

Se entendemos plataformas tal qual conceituadas por Poell, Nieborg e van Dijck como “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados” (2020, p. 4), percebemos que uma das problemáticas do uso das plataformas de redes sociais está nas suas construções algorítmicas para promover a “neutralização das tensões do comum” (Sodré, 2014, p. 233) em favor da monetização de dados, dificultando o deparar do

¹² Exemplos disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/CzGwsUPO0Wj/>, <https://www.instagram.com/p/CmbzthMO8ra/>, <https://www.instagram.com/p/Cy3l3zzuaJW/> e <https://www.instagram.com/p/C4a69NVO8vY/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

¹³ Exemplos disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/C7FLjxgPy-5/>, <https://www.instagram.com/p/CsmQPJ7Pmst/>, <https://www.instagram.com/p/CyWny19IfMR/> e <https://www.instagram.com/p/CrG9AFWNgv2/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

usuário com opiniões adversas à sua própria bolha. Em trabalho anterior, percebemos a “dialética da insularidade” (Bastos, 2023), esta tendência ao insulamento da comunicação comunitária praticada por movimentos sociais. Como forma de superação dessa conjuntura, propõe-se assim a ideia do engajamento com o comum, “compreendendo o comum como um princípio político (Dardot; Laval, 2017) e como um núcleo epistemológico da comunicação (Sodré, 2014)” (Bastos, 2024).

Nossa pesquisa empírica demonstra que parte do sucesso dessa superação, partindo de uma atuação engajada com o comum, está na soma do *bios virtual* com a vida real, mesmo diante de todas as contradições, e não na exclusão de um ou outro do agir comunicacional. As plataformas de articulação populares¹⁴, os movimentos de movimentos, enquanto atuam como aparelhos populares de hegemonia, promovem esta união em suas práticas de comunicação. Sem a internet como ferramenta de organização e circulação de suas lutas, partindo de uma atuação ao nível regional, estariam insuladas entre si pelas fronteiras das nações. Por outro lado, sem os encontros presenciais, a atuação na internet limita-se à autorreferência, uma existência sem experiências de trocas, sem relações e sem formação de vínculos mais concretos e profundos, que possibilitam a articulação em torno de um comum político emancipatório. Mais relevante, nota-se em seus discursos a consciência de seus papéis na disputa pela hegemonia popular e a importância dada ao desafio da união na diversidade.

A construção do comum como ato político potencialmente emancipatório a partir da atuação do sujeito coletivo é uma construção de agência histórica. Um desafio ainda sem resolução. O engajamento com o comum como proposta teórica e prática é materializado em lutas e práticas sociais que fortalecem o comum ambiental, o comum do conhecimento, o comum cultural e o comum político (Bastos, 2024). A ALBA

¹⁴ Tanto a ALBA Movimentos quanto a Via Campesina definem-se como plataformas. No documento base publicado em 2022, a ALBA emprega o termo no trecho: “A Articulação Continental de Movimentos Sociais e Populares para a ALBA (ALBA Movimentos), é uma plataforma que articula mais de 400 organizações de 23 países, em luta pela integração da Nossa América, e pela construção de um projeto político emancipatório para e a partir dos povos, que represente a riqueza e diversidade da luta anticapitalista, anti-imperialista, anticolonialista, antirracista, feminista, eco socialista, por um socialismo indo-afro nosso americano; em diálogo e sinergias integradoras com outras redes, plataformas e articulações.” (p. 6, tradução nossa). Disponível em: http://albamovimientos.net/wp-content/uploads/2022/04/Cartilla_ALBA_2022_Web.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024. Na cartilha de apresentação publicada em 2021, a Via Campesina emprega o termo no trecho: “Para alcançar a Soberania Alimentar, a Via Campesina mobiliza e defende a reforma agrária nos territórios camponeses e oferece formação em métodos de produção agroecológicos. Esta coligação global é também uma plataforma para que seus membros de todo o mundo se comuniquem e realizem ações conjuntas de solidariedade, mobilizações e campanhas em defesa da terra, da água, das sementes e das florestas.” (p. 2, tradução nossa). Disponível em: <https://viacampesina.org/es/wp-content/uploads/sites/3/2022/01/LVC-ES-Brochure-20211.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2024.

Movimentos e a Via Campesina definem-se como plataformas de articulação, que chamamos de populares em oposição a ‘plataformas digitais’, pois sua atuação não se limita ao digital e sua propriedade e a responsabilidade de sua construção pertencem ao povo. Ainda que inseridas em um contexto de plataformização regido pelas regras das *big techs*, isto se dá como meio para um fim maior enquanto aparelhos populares de hegemonia.

Referências

ALBA MOVIMENTOS. Bases para la unidad en lucha de nuestra américa. Disponível em: http://albamovimientos.net/wp-content/uploads/2022/04/Cartilla_ALBA_2022_Web.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.

BASTOS, Pablo Nabarrete; SILVA, Denise Terezinha da. Análise das postagens e interações das Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo durante a greve geral de 28 de abril de 2017. In: XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO — INTERCOM, 40, 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017>. Acesso em: 17 jul. 2024.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Dialética do engajamento: uma contribuição crítica ao conceito. In: **MATRIZES**, v. 14, n. 1, p. 193–220, maio, 2020.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Atuação das Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo no Facebook na campanha presidencial de 2018. In: **E-Compós**, [S. l.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2070.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Hegemonia e engajamento em contexto de midiaticização e plataformização. In: **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e6066, 2022a. DOI: 10.18617/liinc.v18i2.6066.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Engagement and struggles for the common in Latin America: The discourses of popular organizations Via Campesina and ALBA Movements. In: **Interactions: Studies in Communication & Culture**, v. 13, n. 1, 2022b, p. 69–85. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/iscc_00053_1. Acesso em: 13 jun. 2024.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Dialética da insularidade: notas para compreensão da hegemonia popular. In: **Compólitica**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 99–120, 2023. DOI: 10.21878/compolitica.2023.13.1.561.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Os níveis do comum e as disputas por hegemonia. In: **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. e43812, 2024. DOI: 10.15448/1980-3729.2023.1.43812.

BASTOS, Pablo Nabarrete; GROHMANN, R; OLIVEIRA, T. M. What is engagement in communication research? Circulation of meanings and consequences for audience studies. In: **Participations Journal of Audience & Reception Studies**, v. 18, n. 1, mai., 2021. Disponível em: <https://www.participations.org/Volume%2018/Issue%201/12.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2021.

BASTOS, Pablo Nabarrete; CÂMARA, Gabryella Eloi. **Análise comparativa sobre as postagens no Facebook da Frente Brasil Popular e do Movimento Brasil Livre (MBL)**. In:

MILHOMENS, Lucas (org.). Comunicação, questão indígena e movimentos sociais: reflexões necessárias. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2022.

BASTOS, Pablo Nabarrete; MIANI, Rozinaldo Antonio; ENGELMANN, Solange Inês. Articulações da CLOC, Via Campesina e ALBA Movimentos em contexto de crise na América Latina. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Equador, nº 153, pp. 175-192, 2023. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9140144>.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DOS SANTOS DE BORBA, Pedro. Primaveras, Tribunais e Dólares: Uma análise panorâmica das crises políticas na América Latina (1990–2020). In: **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 122–156, 2020. DOI: 10.21057/10.21057/repamv14n2.2020.31874.

HARVEY, David. The Future of the Commons. In: **Radical History Review**, v. 2011, n. 109, p. 101–107, 2011a. DOI: <https://doi.org/10.1215/01636545-2010-017>.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Os pressupostos teórico-ideológicos da Comunicação Popular e Comunitária. In: Simpósio de Comunicação Popular e Comunitária, 1, 2010, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2010.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático. In: **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v. 02, n. 25, p. 221–233, dez., 2011.

MORAES, Dênis. **A hegemonia das corporações de mídia no capitalismo global**, 2000. Recuperado de: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-hegemonia.html>.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. In: **Revista Fronteiras** — estudos midiáticos. v. 22, n. 1, p. 2-10, jan./abr., 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Sociologia das ausências e das emergências. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237–280, out., 2002. Disponível em: https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF. Acesso em: 17 jul. 2024.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: Notas para o método comunicacional. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

VIA CAMPESINA. La Via Campesina: la voz global de lxs campesinxs. Disponível em: <https://viacampesina.org/es/wp-content/uploads/sites/3/2022/01/LVC-ES-Brochure-20211.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.